

O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS NOS ANOS 80*

Orlando Martinelli**
José Marangoni***

Introdução

Nos anos 80, as exportações mundiais cresceram num ritmo seguro, passando de um total de US\$ 2,0 trilhões (1980) para cerca de US\$ 3,0 trilhões (1989). O mesmo não ocorreu, porém, com as exportações dos alimentos e das matérias-primas agrícolas, onde a queda tendencial dos preços agrícolas internacionais e uma certa estabilidade na demanda internacional acarretaram um menor dinamismo relativo das exportações de produtos agrícolas. Entre 1980 e 1989 a parcela relativa das exportações de alimentos declinou de 11% (US\$ 221,1 bilhões) para 9,6% (US\$ 289,8 bilhões), e a parcela de matérias-primas agrícolas, de 3,7% (US\$ 73,9 bilhões) para 3,4% (US\$ 103,5 bilhões).

Comparando-se ainda as exportações dos países desenvolvidos com as dos "em desenvolvimento", verificou-se um movimento contrário. Enquanto os primeiros países elevaram relativamente suas participações de 64,4% para 66,3% nos alimentos e de 61,2% para 66,7% nas matérias-primas, os países "em desenvolvimento" perderam de 35,6% para 33,7% em relação aos alimentos e de 38,8% para 33,3% nas matérias-primas (MARTINELLI, 1993).

A partir dessa tendência mais geral, procurar-se-á neste artigo analisar alguns indicadores econômicos do mercado internacional de produtos agroindustriais, através de três grandes vertentes. A primeira, pelo comportamento dos índices de preços de produtos primários e de alimentos. A segunda, através da dinâmica comercial dos produtos, de acordo com os "graus de processamento industrial", classificados em "com baixo processamento", "semiprocessados" e "altamente processados". Isso destaca evidentemente mercados específicos e diferenciados internacionalmente e, portanto, regras próprias de fixação de preços e de *markups* para os diferentes tipos de produtos. E a terceira vertente analisa o "grau de concentração econômica" através das parcelas de mercado dos quatro principais países exportadores e/ou importadores de produtos agroindustriais.

* Os autores agradecem a leitura e os comentários do Professor João Furtado, mas o inocentam de eventuais erros e omissões presentes neste texto.

** Professor-Assistente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP-Campus de Marília e doutorando da UNICAMP/IE

*** Professor-Assistente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP-Campus de Marília

1 - O comércio agrícola nos anos 80: algumas evidências

Na década de 80, surgem novos fatores na estrutura produtiva e tecnológica das principais economias capitalistas, que alteram, em diversos setores e atividades, as formas e as características produtivas e comerciais até então prevaletentes.

No que tange à produção e ao comércio de produtos agrícolas, podem-se destacar especialmente as modificações nas formas de produção atreladas às estruturas nacionais agroprodutivas (base tecnológica, formas de financiamento, etc.) e nas formas de comercialização dos produtos no âmbito internacional. Nessa perspectiva, têm-se os seguintes elementos a destacar: (a) o surgimento de uma ampla integração dos mercados internacionais de produtos agropecuários, propiciado tanto pelo avanço tecnológico da microinformática e das comunicações como pela maior concorrência entre os capitais agroindustriais; (b) a difusão generalizada do padrão tecnoprodutivo da "Revolução Verde" e a conseqüente elevação da eficiência produtiva em diversos países, destacando-se os europeus e alguns da periferia; (c) a consolidação de um padrão alimentar relativamente mais homogêneo internacionalmente, em geral fortemente composto pelas proteínas (cadeia produtiva grãos-carne), e que se torna a base da "cesta alimentar fordista" ampliada a partir de meados dos anos 70 e consolidada nos 80 (TUBIANA, 1985; WILKINSON, 1989; GOODMAN, REDCLIF, 1989).

Num plano mais próximo dos mercados agrícolas *stricto sensu*, pode-se dizer que, no bojo dessas mudanças mais gerais, se gesta uma nova correlação produtiva e comercial no cenário internacional, onde caberia destacar, principalmente, os aspectos arrolados a seguir.

Em primeiro lugar, o surgimento de novos países produtores e exportadores de produtos agrícolas no mercado internacional — os chamados Newly Agricultural Countries (NACs), em função, por sua vez: (a) do comportamento mais estável e favorável dos preços agrícolas em grande parte dos anos 70; (b) da ampliação da demanda internacional, principalmente daquela derivada da política comercial da URSS, e de outros países do Leste, que se tornaram grandes importadores mundiais de trigo e de grãos; e (c) da implementação de políticas de incentivos à exportação nos países endividados, especialmente da América Latina, com o objetivo de gerar saldos para honrar os compromissos da dívida, a partir de meados dos anos 80. Enquadram-se aqui tanto os países ocidentais e em desenvolvimento (Brasil, Argentina, Austrália, Nova Zelândia, etc.), notadamente nos mercados de carne e de cereais (soja principalmente), como também Índia, Paquistão, Arábia Saudita (no mercado de trigo); China (no mercado de milho e de carne de porco); e Paquistão, Taiwan, China e Indonésia (no mercado de arroz), dentre outros.

Em segundo lugar, o surgimento da CEE como "força agrícola" mundial a partir do final dos anos 70, fruto dos enormes incentivos — e do alto protecionismo — embutidos na sua Política Agrícola Comum (PAC). Nos anos 80, a CEE não somente atingiu a auto-suficiência produtiva para diversos produtos, mas, sobretudo, passou a gerar grandes excedentes exportáveis, notadamente em cereais, produtos lácteos, açúcar e carne. Ainda no mesmo sentido, podem-se somar as mudanças na Lei Agrícola em 1981, cujo sentido geral foi o de estimular fortemente a produção através da elevação dos preços de suportes internos.

Em terceiro lugar, o "modelo protecionista" imposto pelos países industrializados no comércio internacional, onde os produtos com maiores graus de beneficiamento sofrem maiores gravames tarifários. Quanto maior a elaboração industrial, maior a tarifa, e, portanto, maiores barreiras presentes nos mercados mundiais dos produtos. No caso

de muitos produtos agrícolas, as tarifas mais altas podem ser ainda reforçadas por uma série de "barreiras não tarifárias" chamadas "novo protecionismo", oriundas das restrições comerciais impostas aos aspectos fitossanitários, biológicos, ecológicos, etc. (Rel. Desenv. Mund., 1986).

Estes dois últimos fatores, como se sabe, são responsáveis por importantes questões políticas e comerciais tanto no plano interno dos países como no internacional. No plano doméstico os altos custos econômicos da intervenção e da sustentação das políticas agrícolas — encarecimento interno dos produtos alimentares e crescentes pesos para os orçamentos públicos — têm provocado sérias oposições políticas — e atitudes pró-reforma — de outros estratos sociais, notadamente na CEE. No plano internacional, constata-se, ainda hoje, uma acirrada disputa entre os principais países no comércio internacional — chamada a "guerra dos subsídios" —, onde o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) tem se destacado como fórum particular de negociações e de acordos comerciais para diversos produtos e mercados.

Como resultado desses elementos, pode-se dizer que o mercado internacional nos anos 80 caracterizou-se — diferentemente dos anos 70 —, *grosso modo*, por ser mais complexo, instável, diferenciado e/ou segmentado comercialmente, mas sobretudo pela situação de excesso de oferta — e de acúmulo de estoques — dos principais produtos transacionados. A queda de preços no mercado mundial torna-se, portanto, intrínseca para os produtos agrícolas, tanto em termos absolutos como em relação aos produtos manufaturados (GIROLANO, 1992).

2 - O comportamento dos preços agrícolas

Em relação ao comportamento dos preços nos anos 80, o Quadro 1 mostra-nos os índices e as variações de preços de exportação de produtos primários e de alguns produtos alimentícios entre 1975 e 1988. Fica clara uma nítida inversão na tendência dos preços internacionais na década de 80.

Para o total dos produtos primários, os preços de exportação elevaram-se em cerca de 108% entre 1975 e 1980, mas com queda de 30% entre 1980 e 1988. Tem-se, ainda, que a maior variação negativa ficou para os países não desenvolvidos, -39% — que são os tradicionais exportadores desses produtos —, contra uma queda de apenas 10% para os países desenvolvidos. E, dado, em geral, o menor poder de barganha e/ou poder de sustentação de preços desses produtos no mercado internacional pelos países em desenvolvimento — à exceção do petróleo —, pode-se inferir que essa queda dos preços certamente contribuiu ainda mais para aprofundar suas crises econômicas nos anos 80.

Em relação aos produtos alimentícios, a mesma tendência foi verificada. Em termos médios, enquanto a variação entre 1975 e 1980 foi positiva em cerca de 50%, entre 1980 e 1988 os preços tiveram uma queda de 5%. Para o total dos produtos, a queda foi de 13%, sendo que a queda dos preços para os países não desenvolvidos foi cerca de três vezes e meia a dos países desenvolvidos: -25,0% contra -7,0%.

Para os produtos selecionados, cabe destacar que somente sete deles tiveram seus preços ou mantidos (soja), ou elevados (carne bovina, lácteos, vegetais, frutas, tabaco e torta de grãos). Tais produtos estão provavelmente associados a uma demanda mais inelástica, com características de consumo mais sofisticado, atrelados a estratos de renda mais elevados.

Por outro lado, isso pode também significar mercados onde os produtos comercializados permitem um maior grau de diferenciação, principalmente nos países mais desenvolvidos. Assim, poder-se-ia admitir, nesses mercados, uma maior incidência de estratégias competitivas, visando à manutenção — ou mesmo elevação — dos preços dos produtos "mais elaborados" e/ou "diferenciados" — como nos vegetais, frutas e lácteos —, como forma de manter os *markups* desejados.

Em estruturas de mercado mais competitivas — e/ou onde se verificou algum tipo de "desarranjo" em acordos comerciais —, as quedas foram mais acentuadas, destacando-se o café e o cacau, ambos com -33%, e o algodão, com -23%.

Quanto à relação preços agrícolas/preços de manufaturados, Girolano (1992:102) mostra-nos que, em média, os preços agrícolas ficaram cerca de 25% mais desvalorizados ao longo dos anos 80. Esse fator corrobora o argumento de uma maior fragilidade econômica dos países "em desenvolvimento" nesse período, dada a maior importância das exportações de produtos agrícolas para os seus saldos comerciais.

Tabela 1

Índices de preços de exportação dos produtos primários — 1975-1988

ITENS	1975	1982	1984	1986	1988	VARIACÃO PERCENTUAL	
						1980/1975	1988/1980
Produtos primários	48	99	90	63	70	108,3	-30,0
Países desenvolvidos ...	67	90	87	75	90	49,2	-10,0
Países não desenvolvidos	40	103	91	58	61	150,0	-39,0
Alimentos							
Total do mercado	68	78	74	74	87	47,0	-13,0
Países desenvolvidos ...	71	83	75	73	93	40,8	-7,0
Países não desenvolvidos	61	67	70	77	75	63,9	-25,0
Carnes	61	84	73	82	101	63,9	1,0
Carne bovina	56	86	78	84	112	78,6	12,0
Carne de frango	68	72	67	85	92	47,0	-8,0
Produtos lácteos	74	87	74	83	106	35,1	6,0
Cereais	77	86	80	63	83	29,9	-17,0
Vegetais	76	75	92	78	102	31,5	2,0
Café	42	78	83	114	67	138,1	-33,0
Cacau	55	65	95	78	67	81,8	-33,0
Frutas	68	88	81	94	112	47,0	12,0
Soja	73	83	96	69	100	37,0	0,0
Óleo de soja	97	76	123	61	83	3,1	-17,0
Algodão	64	77	86	61	77	56,2	-23,0
Tabaco	73	128	130	113	115	37,0	15,0
Torta de grãos (1)							
(para alimento animal) ..	65	92	83	79	114	53,8	14,0
Média dos alimentos	-	-	-	-	-	47,3	-5,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ONU.

NOTA: Seleccionaram-se alguns produtos, considerando-se a importância deles nas exportações brasileiras.

(1) A base da composição é a soja.

3 - O comércio segundo o grau de processamento industrial

Considerando-se apenas os fatores econômicos *stricto sensu*, pode-se admitir que o mercado de produtos com maior processamento industrial difere do mercado de produtos *in natura*, principalmente quando se consideram: (a) a presença mais intensa de empresas multinacionais, que podem executar maiores volumes de comércio, e uma estratégia mais globalizada nos mercados; (b) as maiores escala produtiva e extensão econômica da comercialização, seja a horizontal — ampliação geográfica do mercado —, seja a vertical — ampliação e diferenciação econômica via estrato de renda dos consumidores; (c) a possibilidade de praticar uma política de preços mais rígida (*markups*), notadamente nos produtos com maior elaboração industrial, e escapar, assim, mais facilmente das oscilações indesejadas da oferta e da demanda nos mercados.

Nesse sentido, entre os diversos fatores que podem afetar e/ou relativizar o desempenho comercial dos produtos, pode-se colocar em destaque o maior ou o menor processamento industrial. Os produtos com maior valor adicionado podem certamente incorporar outras vantagens comparativas de produção (custo produtivo) ou de comercialização (ganhos de escala), além das tradicionais "vantagens naturais", próprias dos produtos *in natura*. Isso também pode, evidentemente, determinar, por outro lado, uma certa segmentação comercial na estrutura de mercado para os diversos tipos de produtos, de acordo com seus "graus de elaboração industrial".

Esses fatores, aliados às mudanças mais gerais ocorridas no mercado internacional nos anos 80, ajudam a explicar o comportamento comercial diferenciado para 40 tipos de produtos classificados em três e quatro dígitos de acordo com o Standard International Trade Code (SITC). São 13 produtos "semiprocessados"; 14 com "alto processamento" e 13 com "baixo processamento" (USDA, 1983). Os resultados encontrados estão nas Tabelas 2, 3 e 4 a seguir.

Considerando-se os 36 produtos agregadamente, percebe-se um maior peso comercial de alguns poucos produtos no valor das transações internacionais. Em 1988, o valor exportado dos cinco principais produtos (carnes, vegetais, frutas, café e milho) representava cerca de 2,5% do valor das exportações mundiais e 25% do total das exportações mundiais de alimentos, bebidas, cereais e tabaco, isto é, 14% dos produtos representam aproximadamente um quarto das exportações agropecuárias mais significativas. Se levados em consideração os 10 principais produtos (incluindo óleos vegetais, tabaco, leite, soja em grão e vinhos), essa participação se eleva para 37% do total transacionado. Um destaque especial deve ser dado para o comércio de carnes, que, em 1988, participou com quase 9% de todo o comércio dos produtos alimentícios e da tabacaria transacionados no Mundo. Em geral, os produtos com maiores valores exportados são mais comuns na classificação "com baixo processamento" — ressaltando-se que isso se deve mais ao volume transacionado do que ao preço unitário dos produtos.

Se se analisar o comportamento das variações das exportações (Tabela 3), percebem-se dois períodos distintos entre 1981 e 1988. O primeiro, até meados da década (1985), embute uma tendência de retração comercial; e o segundo, pós 1985, com significativo crescimento nas exportações. Tem-se que o total das exportações mundiais de alimentos, bebidas, tabaco e cereais, após uma queda de 14% entre 1981 e 1985, se recuperou e terminou o período com crescimento de 19,3%. É necessário alertar-se entretanto, que, embora essas exportações tenham crescido entre 1981 e 1985, a variação foi bem inferior à variação das exportações mundiais totais (43,1%).

Exportações de produtos agrícolas -- 1981-1988

		(bilhões US\$)		
PRODUTOS	SITC	1981	1985	1988
Semiprocessados				
Carnes (frescas e/ou refrigeradas e/ou congeladas)	011	15,55	12,84	21,55
Carnes (secas e/ou salgadas e/ou cozidas)	012	1,04	0,83	1,20
Carnes (enlatadas)	014	2,53	2,10	3,00
Carne bovina (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,1	(1)7,34	(1)6,38	(1)11,21
Carne suína (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,3-012,1	(1)4,03	(1)3,57	(1)5,80
Carne de carneiro (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,2	(1)1,59	(1)1,10	(1)1,40
Carne de frango (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,4	(1)2,09	(1)1,38	(1)2,41
Óleos vegetais	423-424	6,96	9,29	7,95
Farinha vegetal (torta)	081,3	5,98	4,01	6,67
Açúcar refinado	061,2	4,29	1,69	2,27
Farinha de trigo	046	1,94	1,26	1,15
Óleos animais e gorduras	411,3	1,22	1,15	1,08
Outras farinhas	047	0,31	0,25	0,21
Subtotal	-	39,84	33,42	45,08
Com alto processamento				
Leite	022	4,92	4,38	7,12
Manteiga	023	3,67	2,10	3,47
Queijo	024	3,98	3,84	6,47
Preparos de cereais	048	3,27	3,41	5,81
Preparos de legumes	056	3,56	2,56	4,09
Sucos frutas e/ou vegetais	058,5	1,83	2,15	3,90
Extratos e/ou essências de café	071,2	0,86	1,05	1,19
Açúcares	062	0,86	0,87	1,47
Chocolate	073	1,62	1,89	3,42
Pasta manteiga de cacau	0723	1,32	1,66	1,75
Bebidas não alcoólicas	111,0	0,82	0,75	1,50
Vinho	112,1	3,92	4,04	6,95
Cerveja	112,3	0,93	1,17	1,97
Cigarros	112,2	3,21	3,29	6,35
Subtotal	-	34,77	33,16	55,46
Com baixo processamento				
Ovos	025	1,00	0,70	0,92
Vegetais (frescos e/ou refrigerados e/ou congelados)	054	7,86	6,86	12,93
Frutas (frescas e/ou refrigeradas e/ou congeladas)	057	10,57	10,01	17,48
Café	0711	8,27	10,46	10,84
Cacau	0721	2,37	2,08	2,53
Tabaco	122	3,95	4,01	7,45
Couros e peles	211	2,50	3,49	5,55
Soja (grãos)	222,2	7,09	5,26	6,70
Erva-mate	074	1,57	1,98	1,80
Arroz	042	5,38	2,88	2,65
Cevada	043	3,45	2,53	2,67
Milho	044	10,74	7,84	8,30
Outros cereais	045	2,00	1,56	1,35
Subtotal	-	66,75	59,66	81,17
Exportações mundiais totais (US\$ bilhões FOB)	-	1 976,75	1 933,43	2 829,09
Exportações (SITC 0-1) de alimentos, bebidas e tabaco (A)	-	200,36	177,83	255,56
Exportações (SITC 041-045) de cereais (B)	-	40,87	20,59	32,16
Total (A + B)	-	241,23	207,42	287,72

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ONU.

NOTA: Classificação inicial em USDA (1983); acrescentaram-se produtos.

(1) Valor já incluído no produto mais agregado, não computado para evitar dupla contagem.

Além disso, verificaram-se comportamentos diferenciados para os grupos alimentos mais bebidas mais tabaco e cereais. O primeiro grupo de produtos recuperou-se do período de crise, com crescimento final de 27,5% em relação a 1981. Já os cereais apresentaram variação negativa (-21,3%), ao se considerar o período como um todo. Esse fato reflete bem a tendência de queda dos preços dos produtos agrícolas nos anos 80, notadamente os preços de grãos (cereais) e, com menor intensidade, dos produtos alimentares com maior processamento industrial. Ao se desagregarem os produtos, esta análise fica ainda mais esclarecida.

Nesse sentido, considerando-se o período de menor dinamismo comercial (1981-85), dos 26 produtos selecionados "com baixo processamento e semiprocessados", apenas cinco elevaram relativamente suas exportações (óleos vegetais, café, tabaco, couros e peles e erva-mate). Por outro lado, entre os 14 produtos "com alto processamento", nove apresentaram variações positivas nas exportações. Em termos de variação total das exportações, têm-se: "altamente processados", -4,6%; "semiprocessados", -16,1%; e "com baixo processamento", -10,6%.

No período como um todo, apenas um produto (manteiga) dos "altamente processados" apresentou variação negativa (-5,4%), mas, para os 26 demais produtos classificados nos dois outros itens, 11 deles apresentaram quedas em suas exportações. Em termos de variação total das exportações, os produtos "altamente processados" apresentaram a maior variação (59,5%); em seguida, vieram os produtos "com baixo processamento" (21,6%); e, depois, os "semiprocessados" (13,1%). Os destaques positivos foram: couros e peles (122%); sucos de frutas e/ou vegetais (113,1%); chocolate (109,8%); cerveja (111,8%); cigarros (97,8%). Observa-se que, à exceção do primeiro produto, todos os demais são de "alto processamento". Os destaques negativos foram: arroz (-50,7%); açúcar refinado (-47,1%); farinha de trigo (-40,7%); outros cereais (-32,5%); e outras farinhas (-32,2%).

Tomando-se as médias das variações dos valores exportados, têm-se: produtos "semiprocessados", 5,1%; produtos "altamente processados", 66,3%; produtos com "com baixo processamento", 19,3%.

Esses comportamentos acarretaram participações relativas diferenciadas nas exportações totais selecionadas (SITC: 0-1, 041-045), bem como nas exportações mundiais. A Tabela 4 mostra que, em relação às exportações mundiais, embora o total dos produtos tenha caído relativamente (de 7,15% para 6,42%), os produtos "altamente processados" foram os únicos que elevaram suas participações (de 1,76% para 1,96%). Dentre os 36 produtos selecionados, esses produtos ganharam uma importância ainda maior: de 24,6% para 30,52%, contra uma queda relativa dos demais produtos. O mesmo acontecendo em relação à participação nas parcelas das exportações selecionadas, onde tais produtos passaram de 14,4% para 19,3%, enquanto os demais praticamente se estabilizaram no período.

4 - A concentração econômica do comércio

O comércio internacional de produtos agrícolas pode ainda ser melhor investigado, ao se considerar o seu nível de concentração econômica. Essa análise pode ser realizada através da quantificação das parcelas de mercado dos maiores países exportadores e importadores. Para essa finalidade, selecionaram-se 33 produtos classificados a três dígitos do SITC e calculou-se o "grau de concentração econômica", definido como o percentual do mercado mundial detido pelos quatro maiores países exportadores e/ou importadores desses produtos.

Tabela 3

Variações dos valores das exportações dos produtos agrícolas — 1981-88

PRODUTOS	SITC	1981-85 (%)	1985-88 (%)	1981-88 (%)
Semiprocessados				
Carnes (frescas e/ou refrigeradas e/ou congeladas)	011	-17,4	67,8	38,6
Carnes (secas e/ou saigadas e/ou cozidas)	012	-20,2	44,5	15,4
Carnes (enlatadas)	014	-17,0	42,8	18,6
Carne bovina (fresca e/ou refrigeradas e/ou congelada)	011,1	-13,0	75,7	52,7
Carne suína (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,3-012,1	-11,4	62,4	43,9
Carne de carneiro (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,2	-30,6	27,3	-11,9
Carne de frango (fresca e/ou refrigerada e/ou congelada)	011,4	-34,0	74,6	15,3
Óleos vegetais	423-424	33,1	-14,4	13,9
Farinha vegetal (torta)	081,3	-32,9	66,3	11,5
Açúcar refinado	061,2	-60,6	34,3	-47,1
Farinha de trigo	046	-35,0	-8,7	-40,7
Óleos animais e gorduras	411,3	-5,7	-6,1	-11,4
Outras farinhas	047	-19,3	-16,0	-32,2
Subtotal	-	-16,1	34,89	13,1
Com alto processamento				
Leite	022	-10,8	62,5	44,7
Manteiga	023	-42,8	65,2	-5,4
Queijo	024	-3,5	68,5	62,6
Preparos de cereais	048	4,3	70,4	77,6
Preparos de legumes	056	-28,1	59,8	14,9
Sucos frutas e/ou vegetais	058,5	17,5	81,4	113,1
Extratos e/ou essências de café	071,2	22,1	13,3	38,4
Açúcares	062	1,1	69,0	70,9
Chocolate	073	16,7	80,9	109,8
Pasta manteiga de cacau	0723	25,7	5,4	32,6
Bebidas não alcóolicas	111,0	-8,5	100,0	82,9
Vinho	112,1	3,1	72,0	77,3
Cerveja	112,3	25,8	68,3	111,8
Cigarros	112,2	2,5	93,0	97,8
Subtotal	-	-4,6	67,2	59,5
Com baixo processamento				
Ovos	025	-30,0	31,4	-8,0
Vegetais (frescos e/ou refrigerados e/ou congelados)	054	-12,7	88,5	64,5
Frutas (frescas e/ou refrigeradas e/ou congeladas)	057	-5,3	74,6	65,4
Café	0711	26,5	3,6	31,1
Cacau	0721	-12,2	21,6	6,7
Tabaco	122	1,5	85,8	88,6
Couros e peles	211	39,6	59,0	122,0
Soja (grãos)	222,2	-125,8	27,3	-5,5
Erva-mate	074	26,1	-19,1	14,6
Arroz	042	-46,5	-8,0	-50,7
Cevada	043	-26,7	-5,5	-22,6
Milho	044	27,0	5,9	-22,7
Outros cereais	045	-22,0	-13,5	-32,5
Subtotal	-	-10,6	36,0	21,6
Exportações mundiais totais (US\$ bilhões FOB)				
Exportações (SITC 0-1) de alimentos, bebidas e tabaco (A)	-	-2,2	46,3	43,1
Exportações (SITC 041-045) de cereais (B)	-	-11,2	43,7	27,5
Total (A + B)	-	-27,6	8,7	-21,3
		-14,0	38,7	19,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ONU.

NOTA: Classificação inicial em USDA (1983); acrescentaram-se produtos.

Tabela 4

Participação dos produtos agrícolas selecionados
nas exportações mundiais — 1981-1988

PRODUTOS	1981	1985	1988
A- Semiprocessados			
Total (US\$ bilhões)	39,84	33,42	45,08
Participação nas exportações mundiais (%)	2,01	1,72	1,59
Participação nas exportações selecionadas (1) (%)	16,51	16,11	15,67
A/D (%)	28,18	26,47	24,81
B- Com alto processamento			
Total (US\$ bilhões)	34,77	33,16	55,46
Participação nas exportações mundiais (%)	1,76	1,71	1,96
Participação nas exportações selecionadas (1) (%)	14,44	15,99	19,27
B/D (%)	24,60	26,27	30,52
C- Com baixo processamento			
Total (US\$ bilhões)	66,75	59,66	81,17
Participação nas exportações mundiais (%)	3,38	3,08	2,87
Participação nas exportações selecionadas (1) (%)	27,67	28,76	28,21
C/D (%)	47,22	47,26	44,67
D- Total Geral (A+B+C)	141,36	126,24	181,71
Participação nas exportações mundiais (%)	7,15	6,53	6,42
Participação nas exportações selecionadas (1) (%)	58,60	60,86	63,15

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ONU.

(1) Exportações contidas nos SITC (0-1) + SITC (041-045).

A Tabela 5 mostra os resultados e evidencia, ao mesmo tempo, uma grande concentração no comércio mundial de produtos agrícolas. Para as exportações, a média de concentração — isto é, o quanto os quatro maiores países exportadores representam no total exportado — ficou em torno de 60%. Destaque-se aqui o caso do mercado do milho (com média de cerca de 90%); o do mercado dos grãos de oleaginosas (85%); o dos cereais (81%); e o do mercado de carnes salgadas (79%).

Para as importações, observa-se que o mercado é um pouco menos concentrado. Os quatro maiores países importadores foram responsáveis, em média, por 50% das importações, destacando-se o grau de concentração nas importações de carne salgada (82%); de cereais (outros) (66%); de carne enlatada (64%); e de couros e peles (63%).

Considerando-se uma **abordagem tendencial** dos graus de concentração (Tabela 5), constata-se também uma certa estabilidade no período, principalmente ao se considerar o mercado exportador. Apesar de a análise basear-se em poucos anos, pode-se dizer que, para as exportações, se tem que 17 produtos apresentaram sinal negativo, contra apenas 16 produtos com sinal positivo. Ou seja, ao se considerar a

totalidade do mercado desses produtos, pode-se afirmar que as parcelas de exportações dos quatro maiores países permaneceram quase inalteradas no período. Para as importações, de outro lado, pode-se verificar um movimento tendencial contrário e mais forte, onde se têm 22 produtos apresentando uma tendência positiva de concentração contra apenas 11 produtos com sinal negativo. Isto é, a tendência de desconcentração de mercado importador desses produtos é mais evidente nos anos 80.

Nessa perspectiva é que se pode entender a importância das negociações, bem como as dificuldades encontradas para a obtenção de acordos comerciais no comércio internacional desses produtos ao longo dos anos 80, notadamente no âmbito das rodadas do GATT. Dada a ampla concentração dos principais mercados, os resultados dos acordos trazem também conseqüências econômicas bastante concentradas em termos de números de países, tornando, conseqüentemente, as suas adesões ou resistências de fundamental importância para a implementação, ou não, de novas regras ou acordos comerciais.

Tabela 5

Participação percentual dos quatro maiores países no total das exportações e/ou importações dos produtos agrícolas — 1981-1988

SITC	PRODUTOS	EXPORTAÇÕES			TENDÊNCIA DA CONCENTRAÇÃO (1)	IMPORTAÇÕES			TENDÊNCIA DA CONCENTRAÇÃO (1)
		1981	1985	1988		1981	1985	1988	
011	Carnes (fresca e/ou resfriada e/ou congelada)	41,9	41,2	46,1	+	49,1	52,2	54,2	+
012	Carnes (salgadas e/ou cozidas)	80,7	79,8	77,3	-	82,7	82,2	80,1	-
014	Carnes (enlatadas)	55,7	60,2	55,9	+	65,4	64,7	60,8	-
022	Leite e creme	66,8	63,3	66,8	-	31,4	40,2	47,1	+
023	Manteiga	63,9	63,0	64,4	+	53,7	49,4	57,4	-
024	Leite e coalho	66,6	65,7	68,0	+	56,0	58,4	58,1	-
025	Ovos	73,9	73,4	77,4	+	55,6	53,2	54,0	-
042	Arroz	67,4	76,8	70,3	+	22,9	21,8	25,8	+
043	Cevada	72,0	73,0	59,5	-	59,6	58,5	54,6	-
044	Milho (grão)	89,3	92,4	90,0	+	43,5	48,3	52,6	+
045	Cereais (outros)	78,8	88,0	77,5	+	68,3	66,9	63,9	-
046	Trigo (farinha)	60,1	66,2	68,3	+	47,8	51,0	51,5	-
047	Outras (farinhas)	82,3	67,2	64,2	-	56,0	22,3	25,4	-
048	Cereais preparados	46,8	45,2	49,2	+	30,7	34,2	40,3	+
054	Vegetais e/ou legumes frescos	51,3	47,7	50,9	-	43,7	46,6	51,8	+
056	Vegetais/legumes preparados	45,2	50,7	51,4	+	48,2	49,2	52,6	+
057	Frutas (frescas)	40,9	37,0	43,6	+	47,7	52,2	52,9	+
058	Frutas (preparadas)	44,5	47,2	44,2	-	50,4	58,3	57,0	+
061	Açúcar e mel	52,6	33,6	56,8	-	39,4	45,0	36,6	+
062	Açúcares	41,9	46,1	46,9	+	35,5	41,8	40,4	+
071	Café (e substitutos)	44,3	51,3	47,9	+	55,8	58,1	58,3	+
072	Cacau	59,3	53,8	53,3	-	58,7	62,1	58,7	+
073	Chocolate	52,9	47,7	49,6	-	46,4	52,2	47,5	+
074	Erva-mate	67,9	61,6	68,5	-	38,0	46,4	50,9	+
081	Fornagem animal	62,7	57,5	56,1	-	45,7	43,1	39,2	-
111	Bebidas (não alcoólicas)	54,4	53,2	61,5	+	45,0	42,4	42,1	-
121	Tabaco (não manufaturado)	61,8	66,3	56,2	-	48,8	45,5	46,0	-
122	Tabaco (manufaturado)	73,3	75,6	76,3	+	42,2	43,5	47,3	+
211	Peles e/ou couros	52,2	52,7	57,2	+	59,5	61,5	67,7	+
222	Grãos oleaginosos	86,0	84,7	83,7	-	55,5	58,3	60,3	+
411	Óleos e gorduras (animal)	64,7	58,7	59,5	-	44,3	44,6	34,6	-
423	Óleos vegetais (refinados)	59,8	50,4	49,7	-	32,5	32,5	36,5	+
424	Outros óleos (brutos)	72,1	63,9	64,1	-	37,2	38,5	47,5	+
	Médias dos produtos	61,6	60,4	61,0	-	48,4	49,2	50,1	+

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ONU.

(1) A tendência da concentração é expressa com (+) quando a média de 1985 mais 1988 for maior que o valor de 1981 e com (-) quando ocorre o contrário.

5 - Conclusões

Pode-se afirmar que as mudanças sócio-econômicas ocorridas nas principais economias capitalistas nos anos 80 afetaram também as formas de produção e o comércio internacional de produtos agrícolas. Numa perspectiva concorrencial, tem-se que as novas tecnologias e a expansão das empresas transnacionais permitiram um maior acirramento na concorrência entre os capitais agroindustriais nos mercados agrícolas cada vez mais globalizados, apresentando "graus de concentração comercial" (de exportações e importações) bastante elevados e estáveis para os principais produtos transacionados internacionalmente.

De uma perspectiva produtiva e comercial, ressalta-se a elevação dos volumes ofertados no mercado internacional, tanto da produção derivada da CEE — fruto da PAC — como da produção dos NACs, que, dada uma certa estabilidade nos volumes transacionados internacionalmente, implicou, inevitavelmente, uma situação estrutural de excesso de oferta e de quedas generalizadas de preços dos principais produtos — com raras exceções — e de diminuição da participação relativa nas exportações mundiais totais.

Ainda sob a ótica comercial, ficam evidentes, ao mesmo tempo, algumas diferenciações importantes no comércio dos produtos, ao se considerarem os seus "graus de processamento industrial". Verifica-se, nesse aspecto, um comportamento não homogêneo nas suas dinâmicas comerciais, onde se observa, claramente, que o comércio de produtos de maior elaboração industrial — produtos classificados como "altamente processados" — é relativamente mais dinâmico que o dos demais produtos de menor processamento industrial e que também apresenta um comportamento mais estável nos patamares de preços. Esses fatores fazem com que as suas exportações se elevem relativamente no total das exportações mundiais, principalmente após 1985, ao contrário do ocorrido para os demais produtos.

Bibliografia

- CEPAL (1986). **Division de comercio internacional y desarrollo local de productos básicos latinoamericanos**. Santiago.
- CHONCOL, J. (1987). **O desafio alimentar; a fome no mundo**. São Paulo: Marco Zero.
- ESTADOS UNIDOS. Government Printing Office (1985). **U.S. agriculture in global economy**. Washington.
- FAO (1984). El comercio mundial de cereales. **Comércio Exterior**, México: Banco Nacional de Comercio Exterior, v.34, n.11.
- FAO TRADE YEARBOOK (1983/1988). Roma: Nações Unidas. (Vários números)
- FONSECA, R. B. (1987). **A inserção do Brasil no mercado mundial de produtos agrícolas**. Campinas: UNICAMP. (mimeo)
- GIROLANO, G. D. (1992). El escenario agrícola mundial en los años noventa. **Revista de la CEPAL**, n.47.

- GOODMAN, D., REEDCLIF, M. (1989). **The international farm crisis**. London: MacMillan.
- GREEN, R. (1988). **Nuevas estructuras del comercio agroalimentar mundial y cambio de las estrategias de las empresas multinacionais**. Rio de Janeiro: CPDA. (mimeo)
- GREEN, R. (1988a). **Nuevas estructuras del comercio agroalimentar mundial y cambio de las estrategias de las empresas multinacionais**. INRA. (mimeo)
- GREEN, R. (1990). **Cambio técnico y dinamica del sector agroalimentar**. Paris: CREDAL.
- GREEN, R. et al. (1991). Mudança técnica e reestruturação da industria agroalimentar na Europa: uma reflexão teórica metodológica. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.496-531.
- HATHAWAY, D. E. (1987). Agriculture and the GATT: rewriting the rules. **Policy Analyses in International Economics**, Washington: IEE, n.20.
- INSEL, B. (1985). A world awash in grain, foreign affairs. **Council on Foreign Relations**, New York, v.63, n.4.
- INTERNATIONAL TRADE YEARBOOK (1985). New York: Nações Unidas. (Vários números)
- LEMONS, M. B. (1990). **Some theoretical aspects of the relationship between the agrofood system and markets structures**. London: University College. (mimeo)
- MARQUES, M. C. (1985). A nova política norte-americana e seus reflexos no comércio agrícola mundial. Brasília: CFP. (Estudos especiais, v.17)
- MARTINELLI, O. (1993). **O mercado internacional de produtos agrícolas e o comportamento recente da agricultura brasileira**. Marília/SP: UNFSP. (Relatório de pesquisa, mimeo)
- RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO MUNDIAL (1986). Washington: Banco Mundial.
- SCHUH, E. (1986). Questões estratégicas na agricultura internacional. **Economia Impacto**. Washington: Information Agency, n.1.
- SELA (1986). **Perspectiva de la evolución da la política agrícola comum de la CEE; su impacto en America Latina**. Caracas.
- TUBIANA, L. (1985). O comércio mundial de produtos agrícolas: da regulação global ao fracionamento dos mercados. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.6, n.2.
- USDA (1973). High-value agricultura exports: U.S. opportunities, in the 1980's. **Agricultural Economic Report**, Washington, n.18.
- WILKINSON, J. (1989). **O futuro do sistema alimentar**. São Paulo: HUCITEC.
- WORLD FOOD TRADE U.S. AGRICULTURE (s.d.). Iowa State University/The World Food Institute. (Vários números)